Tessitura confessional: linguagem, Teoria Mimética, transformação do sofrimento, reconciliação e desafios contemporâneos.

*Confessional weaving:
language, Mimetic Theory, transformation of suffering,
reconciliation, and contemporary challenges.*

René Armand Dentz Junior

Resumo

Este artigo explora a linguagem da confissão, destacando seu vínculo com o sentimento de falta e a busca por reparação. A confissão, além de expressar arrependimento, é vista como um ato de linguagem, inserindo-se nos enunciados performativos. O eu, ao confessar, reconhece a permanência de sua identidade, ligando-se à promessa de um “eu” futuro que pode agir de maneira diferente. A linguagem dos afetos na confissão revela a transformação simbólica do sofrimento e destaca o perdão como uma restauração das capacidades fundamentais do homem. A abordagem fenomenológica analisa o pecado como uma lesão da Aliança, conectando-se à memória e à esperança. A teoria mimética explora a confissão como um ato restaurativo, abordando as relações comunitárias e destacando o papel de James Alison na compreensão do pecado e da reconciliação. O artigo também discute a visão de René Girard sobre a confissão, enfatizando a natureza mimética do pecado e a necessidade de transcender a lógica do bode expiatório. Girard propõe que a confissão, ao reconhecer as dinâmicas miméticas, pode interromper o ciclo de violência, tornando-se uma ferramenta para a redenção. O sujeito contemporâneo, em busca de saídas para o desamparo, enfrenta desafios na gestão do mal-estar na civilização.

Palavras-Chave: Linguagem. Teoria Mimética. Reconciliação. Perdão.

Abstract

This article explores the language of confession, highlighting its connection to the sense of lack and the quest for reparation. Confession, aside from expressing remorse, is seen as an act of language, fitting into performative statements. The self, when confessing, acknowledges the persistence of its identity, linking itself to the promise of a future “self” that can act differently. The language of emotions in confession reveals the symbolic transformation of suffering and emphasizes forgiveness as a restoration of fundamental human capacities. The phenomenological approach analyses sin as a breach of the Covenant, connecting to memory and hope. Mimetic theory explores confession as a restorative act, addressing communal relationships and highlighting James Alison's role in understanding sin and reconciliation. The article also discusses René Girard's perspective on confession, emphasizing the mimetic nature of sin and the need to transcend the logic of the scapegoat. Girard proposes that confession, by recognizing mimetic dynamics, can interrupt the cycle of violence, becoming a tool for redemption. The contemporary subject, seeking solutions to helplessness, faces challenges in managing unease in civilization.

Keywords: Language. Mimetic Theory. Reconciliation. Forgiveness.

Introdução

A linguagem da confissão é intrinsecamente ligada ao reconhecimento do sentimento de falta e à busca por reparação, constituindo-se como um ato performativo que transcende a mera expressão de arrependimento. Ao confessar, o indivíduo não apenas reconhece a culpa do passado, mas também projeta uma promessa para o futuro, revelando a permanência do eu. A confissão não é apenas um olhar retrospectivo, mas uma promessa voltada para o porvir, carregando consigo a possibilidade de transformação.

No âmbito dos afetos, a confissão se revela como linguagem simbólica que transforma o sofrimento em palavra. Os símbolos primários dessa confissão revelam a interiorização da falta e a essência da culpa. O perdão, por sua vez, emerge como redentor, restaurando as capacidades fundamentais do ser humano e devolvendo-lhe a memória. A relação entre memória e perdão é essencial, proporcionando um horizonte de esperança para a superação do medo e a realização da moralidade humana.

A abordagem fenomenológica da confissão, ao explorar a noção de pecado, revela-se como um exercício que vai além do aspecto histórico. O pecado, para Ricoeur, é inseparável da relação pessoal com um Deus que define o espaço espiritual no qual se manifesta. A análise fenomenológica busca desvendar a complexidade dos discursos sobre o mal, destacando a importância da relação entre o homem e Deus na compreensão do pecado. A reflexão sobre a especificidade da profecia bíblica, conforme Ricoeur, identifica a estrutura ética profunda da Aliança na dialética entre a exigência infinita e o mandamento finito.

A teoria mimética, apresentada por Alison e Girard, oferece uma perspectiva única sobre a confissão. Alison destaca a dimensão comunitária da confissão, enxergando-a como um processo restaurativo que transcende a esfera individual. Girard, por sua vez, explora a natureza mimética do pecado e propõe a confissão como um ato que rompe com a lógica da vingança mimética, possibilitando a busca pela redenção.

A inteligência da vítima, conforme Girard, transforma a confissão em um ato de participação ativa na transformação das dinâmicas sociais. O penitente, ao confessar, engaja-se na desmontagem das estruturas miméticas de rivalidade, buscando uma comunidade mais pacífica e justa. A compreensão da teoria mimética destaca desafios e implicações pastorais, enfatizando a responsabilidade pessoal e a busca por transformação social.

Os desafios contemporâneos na confissão são permeados pela cultura do narcisismo, onde a individualidade predomina e os rituais perdem espaço. A vulnerabilidade humana, exposta em diversos aspectos, reflete a busca desenfreada por soluções imediatas. A violência surge como resultado de um processo mais amplo, muitas vezes ligado à busca pelo ideal de perfeição. O sujeito contemporâneo enfrenta um desamparo que tenta gerenciar de diversas formas, incluindo o uso de substâncias para eliminar a dor. O conhecimento paranoico, fundamentado no eu, torna-se prevalente em uma sociedade narcisista, obscurecendo a compreensão da realidade.

Nesse contexto complexo, a confissão emerge como um ato carregado de significados, não apenas como reconhecimento de erros passados, mas como um compromisso com a transformação, a reconciliação e a construção de comunidades mais justas e compassivas. A análise desses diversos aspectos da confissão revela sua profundidade e amplitude, destacando sua relevância tanto no âmbito individual quanto no coletivo.

1. A linguagem da confissão

A linguagem da confissão supõe o sentimento de falta. Da mesma forma, pressupõe que existe em nós um sentimento de reparação. Essa dupla suposição não é absolutamente arbitrária, pois ela está implicada na compreensão mais ordinária da linguagem que nos representa. Por outro lado, a confissão não expressa apenas o arrependimento, implicando ainda em um ato. Dessa forma, ela se porta como um ato de linguagem e uma fenomenologia da confissão deve ainda aceitar a dimensão de uma pragmática atenta aos poderes da linguagem. É um ato que faz parte dos enunciados performativos,

entendidos como enunciados que fazem o que eles dizem. Dessa maneira, nos julgamos culpados de uma conduta que falamos de um momento passado e que está situada em um tempo específico.

Aqui encontramos um postulado fundamental da confissão: aquele da permanência do eu. Reconhecendo que o eu do passado era o mesmo do presente, me reconheço como autor da ação. No entanto, também me insiro na dimensão da promessa e nela posso projetar um “eu” futuro que agirá de forma diferente do passado. Aos olhos daquele que julga, assim como aos olhos da vítima, o homem que confessa não é o mesmo que cometeu o ato. Somos tentados a afirmar que se trata do mesmo sujeito que realizou o ato e que, ao mesmo tempo, não realizou. O ato pelo qual ele se constituiu culpado o mostra capaz de se conduzir até ao ato que ele não realizou. Ou seja, o fato dele ter agido de uma forma faltosa, significa implicitamente que ele pode agir de outra forma. A confissão remete, assim, não somente à promessa, mas é ela mesma uma promessa e aparece voltada mais ao futuro do que ao passado.

2. Linguagem dos afetos na confissão

A confissão é uma linguagem, pois propicia que o sofrimento, por exemplo, se transforme em palavra que o ser humano diz de si mesmo de forma simbólica. Trata-se de símbolos primários que nos revelam sobre sua essência. Os símbolos primários da confissão nos mostram que há um movimento de interiorização da falta, isto é, da exterioridade da mancha que alcança a interiorização da culpa, mas aquilo que é essência na dimensão da mancha permanece na instância da culpabilidade. Em contrapartida, o perdão vem livrar o homem de sua incapacidade de agir livremente, incapacidade produzida pelo mal do qual ele se tornou culpado. Assim, o perdão remete o homem às suas capacidades fundamentais para além do mal que delas o havia privado. Uma dessas capacidades é a memória. A capacidade de rememoração é então devolvida pelo perdão. A relação entre memória e perdão aparece aqui: o milagre da reminiscência, vitória sobre a finitude, supõe o milagre do perdão, vitória sobre a culpabilidade. Em troca, o perdão pode ser considerado como uma forma fundamental de memória, a memória da origem, memória deste fundo de ser bom que está na origem do nosso ser desde o início e a cada instante.¹

A possibilidade do mal designa uma capacidade, o poder de falhar. Se a falibilidade consiste na exposição ao mal, isso explica por que a passagem ao ato (da falta), não é um simples acidente, um engajamento ou uma vertigem que faria com que sucumbíssemos ao mal sem dar-nos conta. Se há uma vertigem, é aquela da liberdade. O que o mostra (a linguagem da confissão) são os afetos que vão juntos com a própria linguagem da confissão. Não é à toa que falamos do efeito catártico da confissão. Ricoeur sugere de nela discernir três caminhos de sublimação possível. O primeiro corresponde à exigência de um castigo que seja justo, proporcional à gravidade do ato cometido. O segundo corresponde à espera de um fim do sofrimento. Enfim, essa espera “inclui a esperança que o próprio medo desapareça da vida da consciência, após sua sublimação”.² Evidentemente, até nova ordem, nenhum estado escapa à necessidade de fazer respeitar o direito pela ameaça de sanções. É nesse sentido que a abolição do medo não seria outra coisa que o horizonte e, se podemos dizer, “o futuro escatológico da moralidade humana”.³ Assim, vemos se esboçar uma primeira resposta possível à questão kantiana: “O que me é permitido esperar?": que o amor perfeito venha banir definitivamente o medo.⁴

3. O pecado em uma abordagem fenomenológica na confissão

O segundo exercício de repetição da linguagem da confissão se volta para a noção de pecado. Trata-se mais de uma proposta fenomenológica do que propriamente histórica. Nesse aspecto, o mais fundamental é reconhecer que a corrupção pelo pecado vem através de uma relação pessoal com um

¹ CAUSSE, G. P., Ricoeur: mal et pardon, p. 177.

² RICOEUR, P., Finitude et Culpabilité, p. 203.

³ RICOEUR, P., Finitude et Culpabilité, p. 206.

⁴ GREISCH, J., Le buisson ardent et les lumières de la raison, p. 100.

deus que determina o espaço espiritual onde o pecado se distingue da corrupção. Sendo assim, Ricoeur faz da categoria do “diante de Deus” (que é expressa na noção bíblica de Aliança) a categoria constitutiva da própria noção de pecado. Isso traz consequências importantes.

(...) Aparece, primeiramente, tentando iniciar pelas expressões mais elaboradas, mais racionalizadas, dessa confissão, na esperança que essas expressões sejam as mais próximas da palavra filosófica, em razão de sua característica “explicativa”; assim somos inclinados a pensar que é com as construções tardias da época agostiniana sobre o pecado original que a filosofia é chamada a se medir. Mesmo que as filosofias clássicas e modernas tomam como um “dado” religioso, teológico, esse “quase-conceito” reduz o problema filosófico da falta a uma crítica da ideia de pecado original.⁵

Se identificamos o divino com o “Todo outro”, a origem da religião e do pecado deve ser procurada em uma alteridade radical, a consciência profunda de nossa separação da fonte primeira do sentido, da ordem e do valor. Segundo Ricoeur, há pecado somente uma vez que há ligação entre o homem e Deus. Nesse sentido, todo pecado é uma “lesão da Aliança”.⁶

A religião atenta a outro discurso sobre o mal. E esse discurso se atenta inteiramente ao interior do perímetro da promessa e sob o signo da esperança. Esse discurso coloca primeiro o mal diante de Deus. Contra ti, contra si somente eu pequei, fiz mal aos teus olhos. A invocação que transforma a confissão moral em confissão do pecado parece, em um primeiro momento, um agravamento na consciência do mal. É uma ilusão, a ilusão moralizante da cristandade; recolocado diante de Deus, o mal é remetido no movimento da promessa; a invocação é já o começo da restauração de um lugar, a isca de uma recreação. A “paixão do possível” é já apreendida da confissão do mal; o arrependimento, essencialmente virado em direção ao futuro, é já dividido do remorso que é uma reminiscência do passado.⁷

No entanto, Ricoeur busca fugir de uma interpretação de Deus como guardião supremo da ordem moral. Para ele, o pecado é uma grandeza religiosa antes de ser ética: ele não é uma transgressão de uma regra abstrata, de um valor, mas a lesão de uma ligação pessoal. É por isso que a exploração da experiência judaica do pecado não deve se limitar aos códigos legislativos: o imperativo do código é inseparável do lamento do salmo, do bramido do oráculo profético, da sentença sapiencial.

O que eu queria dizer por símbolo racional? Isto, que os conceitos não têm consistência própria, mas retornam às expressões que são analógicas e não são por falta de rigor, mas por excesso de significação: o que é preciso então sondar no conceito de pecado original, não é sua falsa clareza, mas sua tenebrosa riqueza analógica. É preciso desde então retomar o caminho: no lugar de se apagar mais diante da especulação, voltar à enorme carga de sentido contida nos “símbolos” pré-rationais como os que contêm a Bíblia, diante de toda elaboração de uma língua abstrata: errância, revolta, alvo perdido, via curva e tortuosa, e especialmente cativo; a catividade do Egito, depois a da Babilônia, se torna assim a cifra da condição humana sob o reino do mal.⁸

A diversidade dos registros discursivos não deixa de colocar um problema análogo àquele que levantava a corrupção: os pensamentos subjacentes à noção de pecado são “pensamentos” no sentido filosófico da palavra? A questão pode igualmente enunciar sob uma forma mais geral, que nos introduz no coração de uma Filosofia da Religião: a religião “pensa” em qual sentido? Pensando com Ricoeur, a questão da diferença entre a especulação filosófica e o oráculo profético é um excelente critério para levar em conta essa dificuldade.

⁵ RICOEUR, P., *Finitude et culpabilité*, p. 167-168.

⁶ RICOEUR, P., *Finitude et culpabilité*, p. 210.

⁷ RICOEUR, P., *Le conflit des interprétations*, p. 428.

⁸ RICOEUR, P., *Le conflit des interprétations*, p. 277.

É uma reflexão sobre a especificidade da profecia bíblica que lhe permite identificar o momento “objetivo” constitutivo da noção de pecado: a tensão entre uma exigência infinita (que exprimem a indignação e a acusação profética) e o mandamento finito (que exprimem o Decálogo e o Levítico). Aos olhos de Ricoeur, é essa dialética do código e da exigência ilimitada que é “a estrutura ética profunda da Aliança”.⁹

Nada permite opor os dois termos dessa dialética viva, chamando a primeira “moral aberta” e a segunda “moral fechada”. Com efeito, o profetismo e o legalismo não cessam de se pressupor mutuamente: de um lado, temos “uma exigência informe, que reporta no ‘coração’ a raiz do mal, do outro uma lei finita que determina, explicita, fragmenta o ser-pecador nas inúmeras ‘transgressões’, oferecidas à casuística futura”.¹⁰

Toda essa análise simbólica comporta uma negatividade característica que é esquematizada no Antigo Testamento pelas imagens do sofrimento evanescente e da vaidade dos ídolos. É isso que confirma o exame do par “perdão-retorno” que nosso autor procura também apreender em seu estado original, antes de toda elaboração teológica. Vemos aqui se desenhar uma opção metodológica que os trabalhos posteriores irão reforçar: a filosofia hermenêutica deve se deixar instruir não pelas construções conceituais da teologia, mas pelos dados exegéticos. A frase que dá suporte à análise do simbolismo do retorno e do perdão mostra qual é o sentido escondido dessa *epochè* teológica: tomado em sua origem, o simbolismo coloca em suspeita todas as aporias teológicas referentes à graça e à vontade, à predestinação e à liberdade; mas talvez também suspeite da reconciliação dos termos que a especulação isola e opõe.

Na ótica hermenêutica de Ricoeur, o importante está além: é preciso evitar a todo preço tratar a expiação cerimonial e a contrição que gravita ao redor da simbólica do retorno, do perdão e da libertação como dois mundos absolutamente distintos. A possibilidade que esses dois mundos distintos, mas não heterogêneos, possam se reencontrar se enuncia na bela frase seguinte: “é porque a vegetação estranha da expiação cerimonial cresceu sobre a árvore do ‘arrepentimento’ e do ‘perdão’ que o simbolismo da expiação pôde, por reação, enriqueceu o do ‘perdão’”.¹¹

É interessante notar que nosso autor insiste na ideia de que se bem que possa ser uma atitude racional nova, a filosofia não começa nada absolutamente. Ao contrário, fundada em pressupostos, ela parte e vive da substância do que é dado sem ser refletido, consistindo o progresso do pensamento no processo, sempre inconcluso, de elucidação da condição humana, instaurada numa pré-compreensão que se faz reflexão.

(...) Nossa reflexão antropológica se encontra antes desse salto; a ética, ao contrário, chega demasiado tarde. Para surpreender o momento mesmo do salto, é preciso compreender uma nova rota, aplicar uma reflexão de novo estilo, concentrando-nos na confissão com que a consciência reconhece o salto e nos símbolos do mal mediante os quais se expressa essa confissão.¹²

4. Teoria Mimética e a Reconciliação Comunitária

Para Alison, a confissão não é apenas um ato individual de contrição, mas uma oportunidade para a reconciliação comunitária. Ele argumenta que o pecado não apenas afeta a relação entre o indivíduo e Deus, mas também tem implicações nas relações dentro da comunidade de fé. Sua abordagem destaca a importância de encarar o pecado como uma ferida que não só separa o indivíduo de Deus, mas também fragmenta a comunidade.

Alison propõe que a confissão seja compreendida como um processo restaurativo, onde o pecador é convidado a enfrentar as consequências de suas ações não apenas perante Deus, mas diante da comunidade. Ao fazê-lo, a confissão deixa de ser um ato isolado e torna-se uma expressão de responsabilidade e desejo genuíno de restauração das relações danificadas.

⁹ RICOEUR, P., *Finitude et culpabilité*, p. 267.

¹⁰ GREISCH, J., *Le buisson ardent et les lumières de la raison*, p. 100.

¹¹ GREISCH, J., *Le buisson ardent et les lumières de la raison*, p. 106.

¹² RICOEUR, P., *La bible et l’imagination*, p. 158-59.

A abordagem de James Alison dialoga de maneira profunda com a teologia moral contemporânea. Sua visão não se limita a uma lista de proibições, mas busca compreender o pecado em um contexto mais amplo de relações humanas. A confissão, para Alison, não é apenas a admissão de transgressões individuais, mas uma disposição para reparar as rupturas nas relações interpessoais, transformando o pecado em um processo de crescimento espiritual e comunitário. Entretanto, a proposta de Alison não está isenta de desafios. Algumas críticas argumentam que sua abordagem pode enfraquecer a dimensão pessoal da confissão, diluindo a responsabilidade do indivíduo. Alison, por sua vez, responde a essas críticas, destacando que sua proposta não exclui a responsabilidade individual, mas a integra em um contexto mais amplo de restauração comunitária.

René Girard, filósofo e teólogo francês, é conhecido por suas contribuições inovadoras na compreensão do papel da mimeses e do sacrifício na dinâmica social e religiosa. Este artigo explora a visão peculiar de Girard sobre o Sacramento da Confissão, destacando como seus escritos lançam luz sobre a natureza do pecado, da redenção e da busca pela reconciliação.

Girard parte de uma análise antropológica que destaca a mimeses como um fenômeno central na cultura humana. Segundo ele, as relações sociais são permeadas por desejos imitativos que, se não controlados, podem levar a conflitos e violência. Nessa perspectiva, o pecado é visto como o resultado da rivalidade mimética, onde indivíduos competem e imitam uns aos outros de maneira destrutiva.

No contexto do Sacramento da Confissão, Girard argumenta que a confissão não é apenas um ato de arrependimento, mas um reconhecimento profundo da natureza mimética do pecado. O penitente, ao confessar, reconhece não apenas suas falhas individuais, mas a participação em dinâmicas miméticas que geram conflitos e rupturas.

Central para a teoria de Girard é o conceito de “bode expiatório” ou sacrifício vicário, onde uma vítima é escolhida para carregar os pecados da comunidade. Girard argumenta que as sociedades humanas têm recorrido a esse mecanismo para aliviar a tensão mimética. No Sacramento da Confissão, Girard vê a possibilidade de transcender a necessidade de um bode expiatório ao reconhecer e assumir os próprios pecados.

A confissão, nesse sentido, é vista como um ato que interrompe a lógica da vingança mimética. Ao invés de buscar um bode expiatório externo, o penitente, ao confessar, torna-se consciente da necessidade de mudança pessoal e reconciliação. Girard sugere que o Sacramento da Confissão, ao integrar essa consciência, pode ser uma ferramenta poderosa para romper o ciclo de violência e buscar a redenção.

5. A inteligência da vítima e o poder transformador da confissão

Girard propõe que a confissão, quando entendida à luz de sua teoria mimética, não é apenas uma busca individual pela reconciliação com Deus, mas também uma participação ativa na transformação das dinâmicas sociais. O penitente, ao confessar, está engajado em um processo de dismantelamento das estruturas miméticas de rivalidade e busca por uma comunidade mais pacífica e justa.

As ideias de Girard sobre o Sacramento da Confissão apresentam desafios e implicações pastorais. A compreensão do pecado como um fenômeno mimético requer uma abordagem mais ampla e sistêmica na pastoral. Além disso, a ênfase na responsabilidade pessoal e na busca por transformação social pode provocar mudanças significativas nas práticas confessionais e na compreensão da redenção dentro das comunidades de fé.

O fundamento antropológico para superar o mimetismo sacrificial, segundo Girard, pode ser vislumbrado como horizonte de vida e compreensão por meio de Jesus de Nazaré, aquele que “derrubou em seu próprio corpo o muro do ódio” (Ef 2,14). Assim, na Páscoa de Jesus, encontramos a solução para o enigma do desejo mimético aprisionado na espiral da rivalidade, do ódio e do sacrifício. Sua oferta de perdão aos algozes, aos traidores e aos envolvidos no “todos contra um” é um indício do novo mundo que emerge do Espírito de Deus que o ressuscitou.

“A vítima perdoadora” não se refere apenas ao triunfo de uma versão específica da ressurreição de Jesus, mais apolínea que escatológica, prevalente nas leituras apologéticas da derrota pascal. Pelo contrário, afirmamos o poder da revelação que precede o Crucificado vivo e se manifesta por meio de suas feridas abertas, como sinal de oferta de sua própria existência. É um “poder do não-poder”, permitindo uma existência nova, enraizado na vida teológica de abertura às vulnerabilidades expostas.

Chegamos à “inteligência da vítima”, conceito de Girard, possível apenas por meio do Crucificado vivo. Não é uma conquista da subjetividade humana por meio de uma ascese individual de negação, mas sim um horizonte que existe pela superabundância de Deus, no qual Jesus e os justos participam. Essa inteligência não é apenas um estado iluminado, mas uma revelação de alto potencial criador, humanizando-nos na reconciliação a partir do corpo da vítima que se entrega.

(...) assim como a transmissão histórica contingente de uma narrativa. A universalidade da graça, a autodoação da vítima, não é acidental, mas essencialmente ligada à instituição histórica que ela gera, não porque a graça esteja aprisionada dentro da instituição, mas porque é o seu corpo histórico de atuação, algo que a graça traz à existência.¹³

Essa forma de inteligência, possuída pelos discípulos de Jesus após a ressurreição, iluminou o caminho para uma compreensão fundada na doação amorosa, levando a um ato fundador. A Trindade é revelada como a densidade salvífica da Cruz, uma compreensão de Deus oferecida pela inteligência da vítima, responsável por uma mudança fundamental no discurso sobre Deus.

A teoria mimética pode ser compreendida através do desejo em sua contrapartida, permitindo a manifestação da lógica sacrificial. É necessário pensar em uma direção oposta à rivalidade para possibilitar a superação. Isso só seria possível considerando o horizonte do perdão e da reconciliação, como potência da subjetividade em um processo de conversão antropológica. Embora os termos estejam carregados de um sentido piedoso, eles possuem relevância antropológica para tempos de violência simbólica, representando um realismo proposto por Girard para se distanciar do idealismo enraizado na cultura.

A diferença entre violência sacrificial [legítima] e não-sacrificial [ilegítima] está longe de ser absoluta: ela até inclui uma certa arbitrariedade, estando assim sempre ameaçada de desaparecer. Não existe violência verdadeiramente pura; no melhor dos casos, o sacrifício deve ser definido como violência purificadora.¹⁴

O desejo mimético, à luz da crucificação, revela uma pulsão de admiração e desejo que se relaciona com os outros não como objetos, mas como destinatários de um dom sem medida. A lógica do perdão inaugura um novo horizonte para a humanidade na complexa trama do dinamismo antropológico, fenomenológico e erótico do desejo, uma dimensão histórica e simbólica da subjetividade vulnerável pós-moderna.

Em “A Violência e o Sagrado”, Girard demonstra como os pilares da religião primitiva estão interligados através da vítima expiatória. A diferença entre violência sacrificial legítima e ilegítima é relativa, incluindo uma certa arbitrariedade, ameaçada de desaparecer. O perdão, em analogia à Graça, é entendido como imprescindível à justiça, superando os sacrifícios humanos e dissolvendo a busca da justiça mediante o cumprimento das leis.

O apóstolo Paulo testemunha o poder da graça como nova criação, tornando insustentável a violência da humanidade. A experiência de fé revela que a graça está sempre presente, subversiva a qualquer momento histórico. Girard enfoca a relação entre o perdão, a vítima e a superação do desejo mimético, buscando compreender o perdão como força transformadora na experiência humana. A transmissão histórica contingente da universalidade da vítima doadora se apresenta como sinal criador da nova unidade fundada por ela, algo essencialmente ligado à instituição histórica gerada, não aprisionada nela, mas como seu corpo histórico de atuação.

6. Desafios Contemporâneos na Confissão

Na cultura do narcisismo, não há espaço para o outro. O que vale é a vivência das próprias experiências do sujeito para criar melhores condições de exposição do seu “eu”. Nessa tendência, não existe lugar para elementos fundantes do existir, tais como o amor, a amizade, o afeto, a gratidão, o perdão e o desejo. “O

¹³ ALISON, J., O pecado original à luz da ressurreição, p. 140.

¹⁴ GIRARD, R., A violência e o sagrado, p. 59.

único interesse da cultura narcísica é delimitar o território limitado de sua existência à custa do gozo predatório sobre o outro. As individualidades não se afeiçoam mais aos corpos que lhe possibilitam prazer e gozo, meras mediações que são para o incremento das suas imagens narcísicas”.¹⁵ Os rituais perdem espaço, não há mais tempo para simbolizar o nascimento, a vida e a morte. O tempo humano se vai. O virtual intensifica esse caminho, afinal, nele não existe nem mesmo realidade. O que resta é a solução imediata, o tempo sobre o tempo, o desejo sobre o desejo. E assim, em um determinado momento, há uma quebra, uma ruptura, um ato violento, que nada mais é do que resultado de todo um processo muito antes iniciado. A violência não surge do nada, ela é o fim de um processo que precisa ser entendido em suas origens.

O ser humano delira estar em segurança, enquanto é só uma questão de tempo até que ele seja arrastado pelos elementos para o abismo. Nos tempos atuais, a sua vulnerabilidade é mais exposta do que nunca, estão presentes dentro de seu próprio eu narcísico até nas consequências do desrespeito ao meio ambiente.

Diversas formas de violência afetam os sujeitos. A tendência a eliminar a dor por elementos externos, sejam miméticos (livros de autoajuda) ou medicamentos psicotrópicos, portam excesso de artificialização. No entanto, a violência surge também como excesso de positividade no ideal de perfeição, de felicidade absoluta, de modelos a seguir.

O sujeito contemporâneo vive um desamparo, apesar de não se perceber nessa condição, pois neuroticamente encontra saídas. Ele procura gerenciar o desamparo de diferentes formas. As religiões, por exemplo, buscam fornecer essa saída. No entanto, essa saída parece fornecer infinitos desejos miméticos, sempre um mais-além definido, absoluto e certo. Uma certeza ideal, que se transforma em intolerância moral e mesmo em moralismos perversos. O incremento vertiginoso do consumo de drogas no Ocidente se funda naquilo que o discurso freudiano denominou “mal-estar na civilização”. Este mal-estar se articula em torno da oposição entre as exigências da força pulsional e suas possibilidades psíquicas de satisfação, estas últimas sendo reguladas pela ordem simbólica. Essa oposição se caracteriza pela assimetria, na medida em que a pulsão é uma força constante inserida na ordem da continuidade, que para se satisfazer precisa inscrever-se na ordem da descontinuidade dos símbolos. Somente assim é possível para o sujeito a invenção de objetos capazes de promover a experiência da satisfação. Essa assimetria é a condição de possibilidade da angústia, já que indica permanentemente ao sujeito a sua condição estrutural de desamparo.¹⁶

Em nossos dias, quanto mais vivenciamos um mundo de interações, maiores complexidades surgem. A ordem parece se extinguir, dando lugar ao caos e ao aleatório. No entanto, o caos assusta. Diante de um cenário sem resposta em um primeiro momento, o ser humano tende a se apegar emocionalmente a um conteúdo de solução clara e rápida (mesmo que paranoica e irreal). Todo esse contexto abre enorme espaço para as paranoias. O conhecimento paranoico se fundamenta através do eu, por isso uma sociedade narcisista tende a ser uma sociedade de maior pós-verdade. Nesse contexto, é pelos olhos do outro que conhecemos o mundo; portanto, desconhecemos que somos um outro. Pelas bolhas que conhecemos e nelas nos alimentamos e validamos aquele mesmo conhecimento.

Conclusão

Ao percorrer os intrincados caminhos da linguagem da confissão, explorar as complexidades do pecado na abordagem fenomenológica, e mergulhar nas teorias de Girard e Alison sobre a reconciliação e a inteligência da vítima, o presente artigo buscou oferecer uma visão abrangente sobre o significado e o papel transformador da confissão na experiência humana.

No âmago da confissão, revela-se a linguagem dos afetos, onde o sofrimento e a culpa são simbolicamente transformados em palavras, desencadeando um processo de interiorização da falta e, por meio do perdão, a restauração das capacidades fundamentais do ser humano. Nesse contexto, a

¹⁵ BIRMAN, J., Mal-estar na atualidade, p. 303.

¹⁶ BIRMAN, J., Mal-estar na atualidade, p. 242.

confissão emerge como um ato catártico, abrindo caminhos para a sublimação e a esperança no horizonte escatológico da moralidade humana.

A abordagem fenomenológica do pecado, conforme delineada por Ricoeur, nos conduziu a uma compreensão mais profunda da relação entre o homem e Deus, onde o pecado é concebido como uma lesão da Aliança. A análise simbólica revela a diversidade dos registros discursivos e aponta para a necessidade de uma reflexão sobre a especificidade da profecia bíblica, transcendendo as dicotomias entre moral aberta e fechada.

A teoria mimética de Girard, entrelaçada à reconciliação comunitária proposta por Alison, oferece uma perspectiva única sobre a confissão. Ao reconhecer a natureza mimética do pecado, a confissão torna-se um ato que vai além do arrependimento individual, engajando-se na restauração das relações interpessoais e na superação das dinâmicas de rivalidade.

Contudo, as reflexões não podem prescindir da compreensão dos desafios contemporâneos que permeiam a prática da confissão. Em uma cultura narcisista, onde o individualismo impera, a confissão enfrenta o desafio de resgatar elementos fundamentais do existir, como o amor, a amizade e o perdão. O ser humano contemporâneo, muitas vezes inconsciente de seu desamparo, busca diferentes formas de gerenciá-lo, mas encontra-se frequentemente imerso em processos violentos, seja na busca incessante por um ideal de perfeição ou na artificialização de soluções para o mal-estar na civilização.

Diante desses desafios, a confissão emerge como uma resposta possível, um ato capaz não apenas de promover a reconciliação individual, mas de contribuir para a transformação das dinâmicas sociais. A inteligência da vítima, como proposta por Girard, revela-se como um horizonte de vida e compreensão, proporcionando uma nova perspectiva para a compreensão do desejo, da redenção e da busca pela reconciliação.

Assim, ao encerrar estas reflexões, somos instigados a contemplar a confissão não apenas como um ritual religioso, mas como um espaço potencialmente transformativo, capaz de alçar o ser humano para além de suas limitações individuais e conduzi-lo em direção a uma comunidade mais pacífica, justa e compassiva.

Referências bibliográficas

- ALISON, James. **O pecado original à luz da ressurreição**. São Paulo: É Realizações, 2011.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CAUSSE, Guilhem. **Paul Ricoeur: mal et pardon**. Paris: Éditions Facultés jésuites de Paris, 2013.
- GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- GREISCH, Jean. **Le buisson ardent et les lumières de la raison : L'invention de la philosophie de la religion**. Paris: Cerf, 2004.
- RICOEUR, Paul. **Finitude et culpabilité**. Paris: Aubier, 1960.
- RICOEUR, Paul. **Le conflit des interprétations**. Paris: Seuil, 1969.
- RICOEUR, Paul. La Bible et l'imaginação. **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, n. 62, 339-360, 1982.

René Armand Dentz Junior

Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
Docente do Departamento de Psicologia da
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Belo Horizonte / MG – Brasil
E-mail: dentz@hotmail.com

Recebido em: 13/12/2023

Aprovado em: 24/06/2024